

# **“É VELUDO MOLHADO VIU”: as perfechatividades LGBTQIAPN+ em bandas sob uma perspectiva interseccional**

Silas Pita Pereira<sup>1</sup>

## **Introdução**

Arapiraca-AL, 30 de outubro de 2023, saindo de casa 14h e 15min o motorista de Uber Genilson já sinalizava “Passei ao lado da Concatedral umas 13h e 30min, e já tinha gente nas arquibancadas, já estava cheio”. (Anotações do caderno de campo. Arapiraca, 30 de outubro de 2024). Essa foi a segunda informação que recebi antes de chegar na Rua Trinta de Outubro em Arapiraca-AL, rua onde há a passagem do desfile cívico em comemoração a emancipação política de Arapiraca município localizado na região agreste de Alagoas.

A primeira informação foi de José Álvaro de Moura “saia de casa cedo, 1h antes, isso se quiser ficar nas arquibancadas.” (Anotações do caderno de campo. Arapiraca, 30 de outubro de 2024). As arquibancadas são instaladas na praça em frente à Concatedral Nossa Senhora do Bom Conselho onde nesse mesmo lugar há a instalação de um palco para as autoridades locais. Essas são algumas notas que compõe o meu caderno de campo, e foram anotadas antes mesmo do início do desfile cívico que tinha seu início previsto para as 16h do dia 30 de outubro de 2024, e que na ocasião comemorava o centenário do município.

Esse trabalho tratará sobre a perfechatividade LGBTQIAPN+ de balistas, que é termo êmico que se refere a dançarinos bandas de fanfarra e bandas marciais. Em especial através da narrativa de Henrique Bronks analiso a sua atuação como monitor escolar na da escola da rede municipal de Arapiraca-Alagoas a Escola Mário César Fontes e coreógrafo na banda de fanfarra que recebe o mesmo nome da escola em que é monitor. O nosso interesse é saber, o que motiva durante o desfile a apoteose fechativa de balista? De um lado as autoridades, o público, e toda a natureza ritualista da festa da emancipação, mas nesse mesmo espaço estão sujeitos rompendo as normas cisheterossexuais e performando a ambiguidade de ser fechado, ser balista. Tudo isso em um único espaço, momentaneamente são o centro das atenções, recebidos com ovação do público, suspendendo todos os estigmas do que é ser bicha, toda a

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas – PPGH UFAL, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Gênero e Sexualidade – GEPHGS.

moralidade, mas e para além do desfile, quem são? E quando tiram à indumentária, deixam a perfechatividade junto a ela?

Há nas bandas diversas produções de gênero sendo criadas a partir do ingresso de jovens, há camadas existentes que a olho nu passam por despercebidas, com o caleidoscópio (fontes e bibliografia) é possível localizá-las, essa é uma das funções das heterotopias que são “utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário [...]” (FOUCAULT, 2013, p. 19). As bandas de fanfarra e bandas marciais partir das suas apresentações nos festejos cívicos seja a nível municipal, estadual no 16 de setembro<sup>2</sup> ou federal 15 de novembro<sup>3</sup> criam esses momentos ucrônicos nas vivências dos integrantes.

Desse modo conto com a mobilização de fontes sendo elas; entrevista oral e análise de vídeos e fotografias encontradas a partir de pesquisas em acervos digitais, além disso, conto com anotações etnográficas do desfile cívicos de Arapiraca-AL. A ideia é discutir como a produção do gênero fechativo implica na ação descrita como ativismo e que ainda de maneira não intencional se enquadra nos moldes do uso da arte como ação política e transformadora.

As perfechatividades, no contexto dos balistas; *perfechatividades balistas* encontram nas bandas, sobretudo no corpo de dança a possibilidade de existência, pelo fato das bandas estarem localizadas nos espaços das heterotopias, pois elas “[...] tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis”. (FOUCAULT, 2013, p.24) a banda acaba se tornando uma heterotopia por está fragmentada em camadas dentro de espaços reais pelas secções; corpo musical, corpo de dança, mas o que está nesses espaços provoca aos indivíduos; é uma utopia localizada na nossa realidade. A *topia* por ser o deslocamento do espaço real através da sua ressignificação/reconfiguração e *real* pela materialidade que essa função pode ter nesse contexto.

A banda através das suas muitas camadas possibilitam as heterotopias, identifiquei a perfechatividade em outro contexto dentro da banda, que é no caso quando por vezes fazem parte da ritualista dos balistas o rito de iniciação de

---

<sup>2</sup> Feriado estadual da emancipação política de Alagoas.

<sup>3</sup> Feriado nacional da proclamação da república.

meninos gays na banda que se dá pela sua passagem nos pratos, geralmente associado às mulheres, não por regra da escola, mas do sistema cisheteronormativo e binário, que associa aos homens trabalhos árduos e pesados e as mulheres o trabalhos domésticos e delicados que foi narrado pelo coreografo Henrique Bronks, que mesmo não podendo compor o corpo de dança, viu nos pratos a possibilidade de incorporar a dança no local onde estava inserido, no corpo musical.

Matta (1997) nos mostra as distinções entre ritos diurnos e ritos noturnos, as festas cívicas por vez enquadram-se nas festas propícias para o dia, caracterizadas pela ordem, sobre tudo por herança militar acontecem em praças e avenidas tidas como importante na ideia de mostrar as pompas políticas, suspendendo as atividades com isso vem os feriados, despertando o sentimento de nacionalismo e pertencimento e coesão social.

Mas os desfiles acabam proporcionando aquilo que Bakhtin (2010) vai chamar de *dualismo de mundo*. De um lado, ocasionado por esse momento de reunião e importante demonstração publica de poder, estão os representante do poderes políticos, militares e as famílias prontas para verem as paradas ou desfiles cívicos. Do outro lado, ou melhor, dizendo no meio estão os balistas e as balizas formando o corpo de dança e executando as suas performances dançantes ao som das bandas de fanfarra e bandas marciais.

A fechação é um conceito usado por Murilo Souza Arruda em sua tese de doutorado em 2017 juntamente com o conceito de *performance de gênero* de Judith Butler (2010) para quem os gêneros são feitos por meio de trocas e de significados culturais, desse modo o autor explora o investimento consciente de jovens de Salvador-BA em uma expressividade corporal compreendida como fechação que é um termo usado por pessoas LGBTQIAPN+ ao se tratar de momentos de ovação e notoriedade. Aqui usarei o termo fechatividade Colling; Arruda e Nonato (2019) que será apresentado e discutido mais a frente.

Em 2023 ao desenvolver a pesquisa para a minha monografia relacionada às praticas festivas e culturais da emancipação política de Belém-AL, chamo a atenção para as narrativas dissidentes de fechatividade balista que estão insurgindo em desfiles cívicos no município do agreste de alagoas Belém entre

os anos de 2017 a 2022<sup>4</sup>. Por meio das bandas de fanfarra e parafraseando o título do livro de Judith Butler segundo o autor estão causando *Problemas de gênero*. Estão causando problemas por dançar? Sim, mas não só por isso, parece controverso, mas diante de uma sociedade calcada na cisheteronormatividade a fechatividade balistas “está impressa na performance dançante exercida pelos mesmos. Seus passos, suas indumentárias põem em cheque o seu gênero, afronta os padrões da masculinidade e passeiam pelos polos da feminilidade.” (Pereira, 2023, p.58). Logo os *problemas* não são causados só pela dança, mas pela compilação de gestos, falas e indumentárias ao qual fazem uso nas suas performances dançantes durante as festividades cívicas.

Ao executarem as coreografias dançantes pelas ruas os balistas e as balizas agenciam a *propositada superficialidade* (Colling, 2012), colocando em xeque não só o gênero como performativo Butler (2019) e fruto de significados culturais e linguísticos, mas também desmontando a ideia de uma natureza/essência a partir da flexibilidade dos corpos, do mesmo modo mostrando como que com os usos das *tecnologias* Preciado (2022) pode-se criar os gêneros.

A pesquisa que está em andamento no mestrado 2024-2025 está sendo realizada com interlocutores e interlocutoras de municípios do agreste alagoano, pois ao evidenciar as narrativas sobre a fechatividade balista em Belém-AL na monografia mapeei a presença de bandas de fanfarra e bandas marciais levando em consideração a circunvizinhança de municípios à Belém-AL. Totalizando 20 bandas existentes em cinco municípios diferentes, elencadas pelas categorias bandas de fanfarra e bandas marciais, que se distinguem pela incorporação de instrumentos de sopro nas marciais e instrumentos de percussão nas fanfarras. Assim, chamo a atenção para a presença de balistas na maioria delas e balizas em algumas das bandas mapeadas. Uma das questões que tento responder com essa pesquisa é; o que proporcionou a insurgência de pessoas LGBTQIAPN+ a partir das bandas? As atuações desses dançarinos e dessas dançarinas são resultado da falta de sociabilidades LGBTQIAPN+ no agreste?

---

<sup>4</sup> Trabalho de conclusão de curso intitulado **HISTÓRIAS E PRÁTICAS CULTURAIS NAS FESTIVIDADES CÍVICAS DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE BELÉM: um estudo sobre identidade e performances de gênero** apresentado na Universidade Estadual de Alagoas – Campus III Palmeira dos Índios em

Com o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica analiso como as experiências desses dançarinos e dessas dançarinas elencando as categorias de gênero, sexualidade, raça, idade e território (Collins; Bilge (2021)). Mesmo compondo o mesmo corpo de dança e fazendo parte da mesma banda, cada interlocutor e interlocutora é formando por uma identidade que ora são coletivas, pois compartilham da mesma experiência e ora se afastam. De antemão elucidado que quando trato de experiências de balizas no feminino estou focando nas experiências de meninas e mulheres trans e travesti (Nascimento (2023)), entendendo o meu lugar social enquanto homem cis gay e assumo a ação política e social enquanto pesquisador dos estudos LGBTQIAPN+ e minha colaboração para romper com os *silêncios de Clio* (Veras e Pedro (2014), sobretudo, no contexto do interior de Alagoas.

## **1. “É veludo molhado”: os campos para a pesquisa e a memória cultural digital**

Ao iniciar os estudos sobre a fechatividade, me deparei (acredito não ser o único historiador/pesquisador com esse problema) com dificuldades em reunir fontes para a minha pesquisa, interlocutores em Belém-AL se mostravam dispostos a cederem relatos de suas experiências em bandas, mas com as inovações tecnológicas os álbuns fotográficos que poderiam servir como fonte para a pesquisa estavam escassos e quando existiam em alguns casos não tinham fotos de desfiles, mas havia uma reunião de fotos em redes sociais como Facebook e Instagram, a partir daí iniciei o mapeamento de fotografias e vídeos disponíveis em redes sociais.

A frase que dá nome ao título desse ensaio faz parte da transcrição de áudio de um dos vídeos encontrados nas minhas pesquisas em acervos digitais, que constituem a *memória cultural digital* Oliveira (2024) que são mídias digitais que nascem a partir de arquivos amadores, nesse caso os arquivos derivam de contas em redes sociais; foram encontradas contas pessoais e coletivas que se dividem da seguinte forma; (1) contas pessoais para divulgação de trabalhos, alguns dos coreógrafos, balistas e balizas atuam no ramo das artes e desenvolvem trabalhos para além da fanfarra (2) contas pessoais das bandas de fanfarra; esses acervos constituem-se como acervos privados, pois somente

mídias relacionadas a banda são postadas no perfil (3) e as contas coletivas, não pela administração da conta, mas pela acesso a publicação de fotos, vídeos e edits que são vídeos mais curtos e reúnem compilados de pequenos vídeos. Os maiores acervos digitais de postagens coletivas são as contas na rede social Instagram @fanffarrasdealagoas que contam com 11,3 mil seguidores e 60 postagens e a conta @bandasfanfarrasal que conta com 12,1 mil seguidores e 446 postagens e a conta @alagoasbandasfanfarras com 12,7 mil seguidores e 335 postagens, desse modo esses perfis nas redes sociais servem, sobretudo para o registro de acontecimentos e a construção de um arquivo/memória sobre eles.

Foi pesquisando em um desses acervos que encontrei o vídeo onde o coreografo Henrique Bronks apresenta-se na emancipação política do município de Arapiraca-AL em 2022. A foto é resultado da captura de tela do vídeo disponível no perfil profissional do coreografo.

#### **FOTO1: VELUDO MOLHADO**



Fonte: Instagram do Coreografo e balista Henrique Bronks @bronks\_danca, 2022.

Durante a performance dançante de Henrique Bronks que estava trajado em uma indumentária composta por um macacão de veludo na cor azul marinho

com decote na altura do estômago, chama atenção de um dos expectadores. Enquanto Henrique Bronks dançava o espectador faz uma espécie de avaliação descrição da performance;

“Agora é fechação viu, é PERNA<sup>5</sup>. Ei é veludo molhado viu, tome PREDA” (transcrição de áudio do vídeo encontrado no acervo digital, 2023).

Alguém ao lado que também assiste e ovaciona a performance de Henrique chama atenção para o acessório de cabeça que compõe a sua indumentária.

“olha essa cabeça de milhões” (transcrição do áudio do vídeo encontrado no acervo digital, 2023)

O acessório em questão estava posto em forma de um moicano com duas camadas de penas; um conjunto de penas na core azul marinho nas laterais e um segundo conjunto de plumas na cor azul turquesa na parte superior criando uma segunda camada. Martins (2023) nos provoca a refletir sobre o corpo de adereços, um corpo que é *inputs* e *outputs* e “preenhe de múltiplos sentidos e possibilidades de composição do acontecimento e de uma primorosa produção semiótica” (Martins, 2023, p.107). A indumentária de Henrique Bronks amplia a sua fechação, seu corpo é modelado pelo tecido de veludo, quase que uma segunda pele, jogando sua performance fechativa para outra dimensão.

Silva (2019) ao trazer notas etnográficas sobre a participação de homens negros balizadores em fanfarras em Salvador-BA, nos mostra uma estrutura diferente na composição das bandas de Salvador-BA. (1) balizadores de fanfarra; executam elementos da ginastica rítmica e estão localizados entre porta-bandeiras e o estandarte (2) Baliza Mor; levam um bastão em mãos e organizam a posição dos músicos e estão localizados na frente da corporação musical. (3) Viadeiros; lócus dinâmico compartilhado por homens gays a fim de verem as performances dos balizadores. (4) Churria; categoria êmica que nomeia os ovacionamentos, principalmente feitos pelas pessoas que compõe os viadeiros.

---

<sup>5</sup> O grifo em maiúsculo da palavra pedra significa a potencialidade/ênfase do grito na palavra pedra.

Nas minhas pesquisas não encontrei as categorias (1) Balizadores de fanfarra e (2) Baliza Mor, as dinâmicas socioculturais proporcionam essas mudanças; *Balizadores de fanfarra* apresentam-se em meus registros como pelotões, e a função da *Baliza Mor* é operada pelo maestro com a sua batuta no corpo musical da banda. Pereira (2023) destaca a ambiguidade do termo banda; “a palavra banda pode ser empregado como uma totalidade que representa todo o grupo composto pelo corpo musical e o corpo de dança.” (Pereira, 2023, p. 45). E do mesmo modo a organização do corpo de dança é responsabilidade do coreografo ou coreografa.

Dialogando com métodos etnográficos ao me utilizar desse instrumento de pesquisa traço pontos/lugares estratégicos, até o momento não encontrei uma nomenclatura que definisse o momento/local de ovação que por Silva (2019) é chamado de *Veadeiros* e congruentemente causam as *churrias*. O momento ápice dos desfiles que frequentei acontecem em frente aos palcos e arquibancadas que geralmente são instalados em lugares marcados pelas sociabilidades; praças e avenidas, mas durante a passagem da banda na avenida e na chegada ao local da apresentação há uma concentração de pessoas, crianças, jovens e adultos, parte deles principalmente jovens e adultos com faixa etária de 13-30 anos passam a reconhecer e fechatividade LGBTQIAPN+ dos balistas e balizas por meio de gritos e aplausos e gravações de vídeos ou registros fotográficos assemelhando-se a churria descrita por Silva (2019).

Como é o caso do vídeo de Henrique Bronks, onde os expectadores são amigos do coreografo e a escolha do tecido *veludo* para a produção do macacão tem impacto na perfeição do corógrafo. A alteridade do balista é reconhecida não só pela performance dançante marcada por passos bem definidos, mas pelos giros e as jogadas de pernas “Vai perna UUu” (transcrição do áudio do vídeo encontrado no acervo digital, 2023)

Então, assim, o veludo molhado é um tecido que ele aparenta em si ser bastante grudado e ter esse aspecto molhado, sabe? E aí, o lacre dos meninos na hora foi esse. “Veludo molhado”, até porque é caríssimo também.” (Henrique Bronks, entrevista cedida em Arapiraca-AL, 28 de Setembro de 2023)

O “lacre dos meninos” em exaltarem o tecido e sua forma molhada, desenhando o corpo do coreógrafo é o reconhecimento no investimento da sua



fechatividade e a escolha do tecido coincidentemente reflete como uma prática ostensiva que acentua sua fechatividade durante o desfile cívico. Na ausência de um termo ênico como *Churria* presente nas notas de Silva (2019) irei chamar essas cenas ovação e apoteose de *lacre*, pois conforme Henrique Bronks o *lacre* funciona como o reconhecimento da dançante bem executada e reconhecimento da performance fechativa do balista a partir da dança, dos gestos e sobre tudo pela indumentária.

## 1.2 Intersecção e o reflexo do ativismo

As 18h e 35min, Henrique Bronks apontava na esquina da Rua Largo Dom Fernando Gomes em direção ao palco instalado na Praça da Concatedral. Trajado em um macacão branco ornado com pedras azuis e douradas, as ombreiras brancas com detalhes azuis na parte superior e franjas bordadas aplicadas nas extremidades acompanhavam os movimentos do seu cinto com pedrarias e caídos nas mesmas cores das ombreiras. Um acessório dava-lhe imponência, mesmo que as meninas que compõe o corpo de dança também estivessem com ele em mãos, o leque preto que levava na mão resplandecia a sua performance fechativa ao longo na avenida. (Anotações do caderno de campo, desfile cívico de Arapiraca-AL, 30 de outubro de 2024).

As pesquisas nos acervos digitais assim como nos acervos físicos possibilitam o surgimento de novas fontes, após encontrar o vídeo de Henrique Bronks, entrei em contato e marquei uma entrevista que foi realizada no dia 28 de setembro de 2023, um mês e dois dias antes da emancipação política de Arapiraca. Costumo mobilizar os interlocutores a fazer um exercício na memória e lembrar a primeira vez que viu um balista, pois, conforme Portelli (2016) “ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontrada, mas cocriadas pelo historiador” (Portelli, 2016, p. 10), na ocasião desses exercícios consigo traçar novos possíveis interlocutores e ao mesmo tempo fazer o cruzamento com outras fontes.

José Henrique Barbosa dos Santos Silva é um jovem cis gênero, gay, negro de 21 anos, candomblecista e praticante da jurema sagrada<sup>6</sup>, mas é popularmente conhecido como Henrique Bronks. As influências para a criação

---

<sup>6</sup> A jurema sagrada é uma tradição religiosa com elementos afro-indígena.

do sobrenome artístico *Bronks* partem das sociabilidades em grupo de dança de brega funk que recebia o nome *Bronks*, o nome grupo foi inspirado no bairro presente no sitcom de 2005 *Todo mundo odeia o Chris* que originalmente é escrito Bronx. Seu início nas bandas é semelhante à de alguns coreógrafos e balistas iniciando no corpo musical tocando nos pratos.

É a mesma história. Iniciei na banda tocando pratos, apesar que, no tempo, vai dependendo de banda para banda, que tem aquele certo já tabu de dizer, “ah, mas homem não toca prato”. Então, já começou daí a quebrar esse tabu e o meu primeiro maestro falou “olha, não tem isso, você quer tocar prato?” “Eu quero” “vá” (Diálogo entre Henrique e o coreógrafo). (fonte: Henrique Bronks, Arapiraca-AL 2023)

Seu contato com a dança em bandas de fanfarra foi iniciado 2016 ainda quando atuava nos pratos na banda da Escola Crispiniano Ferreira de Brito em Arapiraca ao sugeriu adicionar alguns passos de dança. Dois anos depois já no município de Feira Grande em 2018 teve a sua *iniciação* como balista compondo o corpo de dança coreografado por Claudio Neres. Quinalha (2023) destaca a pluralidade quando tratado da(s) história(s) LGBTI+ e que “a resistência LGBTI+ se materializa em experiências individuais antes mesmo de um ativismo organizado” (Quinalha, 2023, p. 18). É percebida uma rede de apoio onde coreógrafos mais experientes possibilitam a inserção de balistas mais novos nas bandas, mostrando resistência às normas de comportamento sobre tudo, pautadas pelo Sistema de gênero, lembremo-nos de Leticia Nascimento (2023) quando diz que “a categoria ‘mulher’ imposto Sistema é um ideal normativo” e Louro (2018) “a matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos”, desse modo essa abertura possibilita a fechatividade de balistas cis ou não binários e balistas trans/travesti e não binárias mais novos permite possam “[...] realizar os seus desejos, construir territórios de sociabilidade, circular pequenas publicações, criar modos de vida mais autênticos [...]”(Quinalha, 2023, p. 18), possibilitando novas identidades sexuais e de gênero.

Uma das cenas que Henrique Bronks narra é quando um dos seus alunos teve acesso ao seu perfil pessoal e viu fotos religiosas;

No dia seguinte já estava com aquele furdum<sup>7</sup> na escola. Ah, porque o tio é macumbeiro. Entendeu? Isso, aquilo, outro. Então, assim, eu sentei, conversei com todos, eu digo: olha, primeiro que macumba é uma coisa. Tio anda uma religião, assim como tem vocês, que são de

---

<sup>7</sup> É o mesmo que burburinho.

religiões totalmente diferentes. Tem pessoas aqui que são católicas, tem pessoas aqui que são crentes (evangélicas), tem pessoas aqui diversas, gente. Na nossa cidade é pessoas diversas. (Henrique Bronks, entrevista cedida em Arapiraca-AL, 28 de setembro de 2023)

Colling (2018), ao tratar da emergência dos ativismos e das dissidências sexuais no Brasil chama a atenção para grupos sociais como as feministas e o movimento negro e a suas percepções em perceber nas artes estratégias para produzir subjetividades capazes de atacar a misoginia, o sexismo e o racismo. A ação de Henrique em sentar e conversar com o seus alunos e alunas sobre a pluralidade religiosa dentro da sala de aula assemelha-se a uma pratica artista? Na escola como monitor Henrique Bronks organiza apresentações com encenações e coreografias, além de fazer o trabalho de coreografo praticando a arte sintonizada coma perspectiva queer (Colling, 2018, p. 7). Uma hipótese que permeia a minha mente é que em determinadas situações o ativismo é produzido de maneira inconsciente? Devo me debruçar mais sobre as leituras, afim de compreender as dinâmicas que giram em torno do ativismo.

### **Novos termos, novos inícios (conclusões)**

Após avaliarem algumas criticas à Butler, Colling; Arruda e Nonato (2019) propõem uma mudança aos pesquisadores das temáticas de gênero e sexualidade, sobretudo os que estudam a fechatividade LGBTQIPAN+. Os autores fazem um histórico das produções de Judith Butler, e como a autora após criticas sobre o seu conceito de performance de gênero qualifica sua teoria e ao mesmo tempo faz uma distinção entre performance de gênero e performatividade de gênero. A primeira seria a própria encenação, Butler usa como exemplo a performance artísticas de drags, já a segunda performatividade de gênero é concebida pelo *efeito repetido da norma*.

Dando sequência, Colling; Arruda e Nonato (2019) analisam os modos relacionais de dois trabalhos sendo eles de Arruda (2017) intitulada *O corpo e o gênero fechativo pelas ruas de Salvador* e Nonato (2017) com o titulo Problemas de gênero de um gay afeminado (*apud in*) Colling; Arruda e Nonato (2019). Os autores analisam as interlocuções de dois jovens nos dois trabalhos e percebem que em ambos os interlocutores conseguem acentuar e minimizar as suas performatividade fechativa e afeminada a depender do local onde estão inseridos, um exemplo são momento em que deixam seus corpos mais rígidos

devidos as normas familiares, em ambas as narrativas é percebida a performance, ou seja a teatralidade daquilo que seria masculino/másculo para seus familiares, mas que mesmo nesses momentos de endurecimento/rigidez dos corpos não conseguem deixar de lado aquilo que está *amalgamado na materialidade expressiva do seu corpo* Colling; Arruda e Nonato (2019), seja a fechatividade ou a feminilidade. A sugestão dos autores é localizar a fechação no campo da performatividade, fazendo então o uso do termo *perfechatividades*, no plural, pois como apontam os autores e como é percebido no campo em pesquisa, as perfechatividades são plurais.

Contudo pesquisar as perfechatividades nos proporciona um leque variado de novas possíveis histórias, os próximos passos a serem dados contam com novas entrevistas interseccionado gênero, sexualidade, raça com interlocutores presentes nos acervos digitais ou nos relatos de memória. Como já apresentado anteriormente nas artes encontramos as resistências e a partir delas há a potencialização de novas identidades, chamo a atenção para os eventos acadêmicos em especial o VI Colóquio Diálogos Interdisciplinares sobre gênero, raça e sexualidade: circuito dos afetos, evento esse que dialogou com a interseccionalidade e a interdisciplinaridade, com dois simpósios temáticos sendo eles; ST1: gênero e sexualidade dissidentes e estudos LGBTQIAPN+: perspectiva interseccional e o ST2: História das mulheres, das relações de gênero e dos feminismos: perspectivas interseccionais, ambos os ST recebendo pesquisas da graduação e pós-graduação com debates focados pluralização de novos debates sobre novas histórias e novos sujeitos históricos.

## **Fontes documentais**

### **Entrevista**

Entrevista com Henrique Bronks em Arapiraca-AL, 28 de setembro de 2023. 1h e 30min de áudio.

### **Transcrição de áudios de vídeos**

Vídeo disponível em @dancabronks20 <  
<https://www.instagram.com/reel/CkHooflAehd/?igsh=amdmdODN5dGc5bnc5>>

### **Fotografias**

Disponíveis no instagram: @dancabronks20

## Referencias bibliográficas

ARRUDA, Murilo Souza. **O corpo e o gênero fechativo pelas ruas de salvador. – Salvador.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Doutorado em Ciências Sociais. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento o contexto de Francois Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7ª edição. Editora HUCITEC, São Paulo. 2010.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Editoria Devires, 3º ed. Salvador, BA, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 17º Ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2019.

COLLING, Leandro. **Em defesa da fechação.** In; Crônicas do Cus Cultura, sexo e gênero. Ed.4 de junho de 2012.

\_\_\_\_\_. **A emergência dos ativismos das dissidências de sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade.** Revista Sala Preta, Vol. 18, n.1, 2018.

\_\_\_\_\_. **Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechatividade e afeminadas à teoria da performatividade de gênero.** Cadernos Pagu (57), 2019.

FOUCAULT, Michel. **As Heterotopias** in. **O corpo Utópico as Heterotopias.** São Paulo. n-1 Edições, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 3º rev. Amp. Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2018.

MARTINS. Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** 1ºed. Cobogó. Rio de Janeiro, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina do. **Transfeminismo.** Feminismos Plurais coordenação Djamila Ribeiro. Jandira, São Paulo, 2023.

PEREIRA, Silas Pita. **HISTÓRIAS E PRÁTICAS CULTURAIS NAS FESTIVIDADES DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE BELÉM-AL: um estudo sobre identidades e performances de gênero.** Trabalho de conclusão de curso, monografia. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL Campus III Palmeira dos Índios. 2023.

PRECIADO, Paul. **Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”.** Estudos feministas, Florianópolis, 19(1): 312, Janeiro-abril. 2011.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte de escuta.** Letras e Voz, tradução; Ricardo Santhiago. São Paulo, 2016.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+ uma breve história do século XIX aos nossos dias.** 1.Ed. Autentica. Belo Horizonte, 2023.

SCOOT, Joan. **GÊNERO: uma categoria útil para a análise histórica.** Educação e Realidade. V.15, n 2 jul/dez. 1990.

SILVA, Vinícius Santos da. **Notas Etnográficas sobre Homens Negros Balizadores de Fanfarra em Salvador.** Dossiê Vol.05, N 2 – abr.-jun., 2019.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. **Os silêncios de clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil.** Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.